

Documentação

Fonte: *Gazeta do Povo (Paraná)*

Data: 12/7/2000 Pg. _____

Class.: 489

quarta-feira, 12 de julho de 2000

PARANÁ

DIREITOS HUMANOS ■ FÓRUM REÚNE INDÍGENAS EM CURITIBA PARA ESCLARECER DÚVIDA

Índios temem desamparo ser

Relatório a ser apresentado no Congresso prevê que Fundação deixe de se

DIREITOS E DEVERES DA COMUNIDADE indígena, a questão da tutela da Fundação Nacional do Índio (Funai), demarcação de terras e a utilização de recursos naturais. Estes foram alguns dos pontos discutidos durante o primeiro dia de atividade do Fórum Regional de Direitos Indígenas da Região Sul e Sudeste, que começou ontem em Curitiba. O objetivo maior do encontro é o esclarecimento de dúvidas e sugestões de alteração para o novo relatório do Estatuto das Sociedades Indígenas, que deve ser apresentado ao Congresso Nacional no próximo mês. O relator do estatuto é o deputado federal paranaense Luciano Pizzatto (PFL). O fórum reuniu representantes das comunidades indígenas e da Funai e autoridades políticas do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. No Paraná, de acordo com a Funai, há 10.200 índios, distribuídos em 20 áreas diferentes.

Antes de Curitiba, o fórum já passou por Brasília, Campo Grande (MS) e Manaus (AM), e depois segue para o Nordeste do país. "Os representantes das comunidades estão participando, há um interesse grande mesmo em esclarecer todos os pontos do Estatuto", afirma o coordenador geral de Direitos Indígenas da Funai, Marcos Terena, integrante da tribo dos Terenas (MS). Ele acredita que a questão da tutela, que no novo estatuto será abolida, é um dos pontos que mais preocupam os índios.

Tutela

A Lei 371 de 1916, que estabelece a questão da tutela e vigora até hoje, coloca os índios no Código Civil como "relativamente incapazes". A Funai é denominada como tutora da comunidade, ou seja, garantiria a estes índios, entre outras coisas, direito a educação, saúde e terras. A Funai hoje não lida mais diretamente com alguns

destes serviços - saúde e educação, por exemplo, hoje cabem à Fundação Nacional de Saúde e ao Ministério da Educação e Cultura, respectivamente. Por isso, Terena diz que muitos índios temem o fim destes direitos com o fim da tutela. "É preciso ser redefinido o papel da Funai, que atualmente não atende como deveria a demanda indígena do país", afirma.

Terena diz que, com a entrega do projeto de lei que definirá o novo Estatuto, a comunidade indígena deve iniciar uma forte campanha em Brasília pela aprovação. "Desde 1994 esperamos a definição de uma política indianista clara no país", afirma. Ele conta que, além da pressão política, deve-se investir mais na exposição da cultura indígena na mídia, com a divulgação de CDs, artesanato, arquitetura e engenharia. As atividades do fórum terminam na quinta-feira e na sexta-feira os grupos retornam a suas áreas.



PERFIL - LAÉRCIO DA SILVA (WERÁ KANGUAJU)

Sem conflito de gerações

O pequeno Laércio da Silva, Werá Kanguaju (foto), de apenas 11 anos, faz parte do grupo de dança Ambá Werá, que se apresentou durante o fórum. Ele representa bem a "nova geração" de índios, uma geração que vai à escola dos "não índios", fala guarani e português, lê e escreve e já sabe mexer com informática. "Quero estudar e trabalhar para minha aldeia, não quero sair de lá", conta Werá. Laércio vive na aldeia de Karugua, próxima a Piraquara, Região Metropolitana de Curitiba. Ele afirma com orgulho que faz questão de participar de todos os ritos e danças. "É parte da nossa cultura, não é motivo de ter vergonha de ser índio", diz.



Hortêncio da Silva, ou melhor, Karai Tataimbi, tem 86 anos e também vive na aldeia de Karugua. Ele fala pouco português - sua língua oficial é o guarani, não sabe ler nem escrever e nunca mexeu em um computador. "Sou um dos mais velhos da aldeia", diz Karai, que trabalha com artesanato. Na manhã de ontem, ele participou da apresentação de dança, que abriu o Fórum Regional de Direitos Indígenas das regiões Sul e Sudeste. Ele diz que vê com bons olhos o interesse da nova geração em preservar a cultura e interagir com a sociedade não indígena. "Nossa tradição precisa ser mantida, é por isso que estamos aqui, velhos e novos", afirma Karai. A aldeia de Karugua tem 43 índios e é a mais próxima de Curitiba. O grupo Ambá Werá, criado na aldeia, já tem até um CD gravado, com músicas usadas nos rituais da tribo Guarani.

Grupo de dança Ambá Werá, da